ANO 6.º LISBOA—QUARTA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 1926 N.º 1647

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1:470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195
Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

NA redacção do *Jornal do Comercio* reuniram hoje os directores e representantes dos jornais diarios de Lisboa, a fim de se ocuparem da situação criada á imprensa pela censura prévia.

O caso foi largamente discutido, tendo-se nomeado uma comissão para se avistar com o chefe do governo e expôr-lhe detalhadamente o assunto.

Essa comissão, constituida pelos srs. dr. Beirão da Veiga, do *Diario de Noticias;* dr. Joaquim Manso, do *Diario de Lisboa;* Carlos de Oliveira, do *Seculo;* Urbano Rodrigues, do *Mundo;* Tomás Gambôa, das *Novidades,* e Balbino Esteves, do *Jornal do Comercio,* foi recebida pelo sr. general Carmona ás 15 e 30.

O sr. dr. Joaquim Manso, solicitado pelos representantes dos outros jornais, expoz ao presidente do ministerio os prejuizos morais e materiais que resultam da forma como está sendo exercida a censura á Imprensa.

Ao mesmo tempo, pediu ao sr. general Carmona que elucidasse os comissionados sobre os motivos da expulsão do sr. Homem Cristo (filho).

O chefe do governo começou por declarar que mantinha a censura, mas que ia estudar a forma de atenuar o mais possivel os prejuizos materiais causados por essa instituição.

Com esse fim, mandou chamar para uma conferencia no seu gabinete o sr. coronel Prata Dias, marcando para a meia noite uma nova reunião com os delegados das empresas.

A'cêrca do exilio do sr. Homem Cristo (filho) declarou terminantemente que aquele jornalista não tinha sido expulso em virtude dos artigos que escreveu contra o Banco de Portugal.

Os directores dos jornais reunem novamente amanhã, ás 14 horas, no mesmo local.

A' reunião de hoje assistiram dois agentes representantes da autoridade.

* * *

ESTÁ publicado o numero 15 do semanario humoristico *Sempre Fixe,* que é superiormente dirigido pelo nosso querido amigo Pedro Bordallo.

Este numero insere larga colaboração artistica de Valença, Almada Negreiros, Amarelhe, Stuart Carvalhais, Botelho, Eduardo Faria e D. Fuas, e publica as suas secções habituais "Os ditos da semana„ por Norberto de Araujo; "Teatro„ por Alvaro de Andrade ("O homem das 5 horas„); "O Prato de sonhos„; "Prosa do Chá-Velho; "Cartas da lua„ e Concurso infantil, etc. A sua terceira pagina é consagrada á "Ceia dos Marechais", parodia á Ceia dos Cardeais„ quadro inedito de uma revista de Barbosa Junior e Silva Tavares.

* * *

SAIU o n.º 2, 3.ª série, da *Contemporanea,* dirigida por José Pacheco.

Os escritores da nova geração enchem as suas paginas com prosas e versos que muito abonam o seu espirito e a sua arte. Um belissimo auto-retrato de Almada Negreiros. Felicissimas reproduções de quadros de Tarsila do Amaral, pintora brasileira.

INICIATIVAS

No banquete de inauguração da linha electrica do Estoril o sr. Fausto de Figueiredo proferiu um discurso, longo, é certo, mas que, apesar de longo — e ao contrario do que paradoxalmente costuma suceder — contem algumas afirmações interessantes, expressivas e que não é demais pôr em relevo.

O sr. Fausto de Figueiredo — que foi uma das poucas fortes vontades que levaram a cabo aquela obra de progresso citadino, e cujo elogio, aliás merecido, nos dispensamos de fazer, por descabido e por não estar isso no intuito destas considerações—, o sr. Fausto de Figueiredo acentuou com justo e legitimo espirito critico que a obra do «Estoril» representa a luta contra a rotina, contra embaraços burocraticos, contra a inercia de muitos, a duvida de quasi todos, a má fé de alguns.

Este sistema de colaborar com os homens de iniciativa e de dar apoio a todas as obras de progresso — tem de acabar.

Qualquer iniciativa portuguesa, por mais bela, mais perfeita, mais altiva, mais arrojada e generosa, tropeça quasi sempre com escolhos que fazem sossobrar os mais fortes.

— Estamos, em boa verdade, num país com excelentes recursos naturais, mas onde as iniciativas não costumam vingar por falta de apoio... — exclamou o sr. Fausto de Figueiredo, que tambem declarou:

—Vivemos num pais em que todos, suficiente e sobejamente, nos conhecemos. Sabemos o que valemos e sabemos o que valem a inveja e a calunia!

Estas armas—calunia e inveja—ligadas á natural inercia governativa, são as grandes dificuldades que aparecem no caminho de todas as iniciativas, as mais logicas, progressivas, elevadas e indispensaveis.

Essas armas têm de ser postas de parte. Em vez delas, ha que surgir o estimulo e o apoio oficial, com cautelas, sim, mas não com sistematico caracter anulador.

Para modernizar, limpar parte de Lisboa, o caminho marginal até Alcantara, um ministro nomeou uma comissão de pessoas competentes. Diz o sr. Fausto de Figueiredo:

—E a comissão foi, como o ministro, de parecer que não devia manter-se o estendal, que significava a vergonha e o desprestigio duma grande cidade europeia...

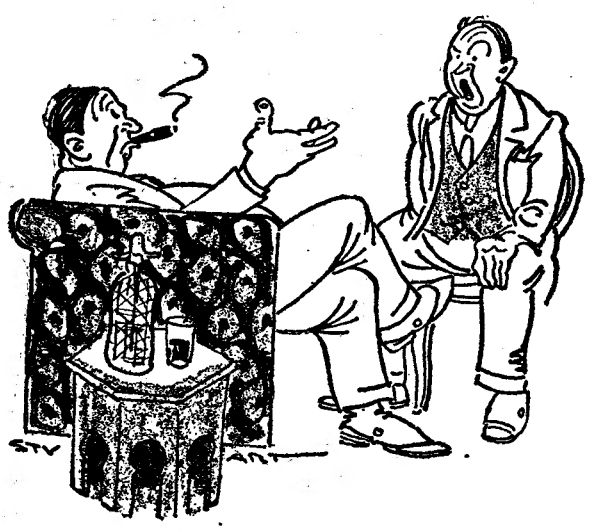
Quem lucrava? Era a Camara de Lisboa e o seu porto. E quem apareceu a protestar? Responde o sr. Fausto de Figueiredo: «Um funcionario superior do Municipio».

Citamos isto como um simbolo. De facto, sempre que uma iniciativa se levanta, as dificuldades, morais e materiais, surgem de todos os lados.

Isto tem de acabar, em relação a todos os projectos que em Portugal visam modernizar, atrair turistas, desenvolver trabalho, criar riqueza.

As facilidades dadas a homens, de dinheiro e de inteligencia, que metem ombros a grandes emprezas, não são dadas a A ou a B, mas dadas á Nação, para que ela se desenvolva e progrida.

O "savoir-vivre„



— De resto, para mim, todas as situações são boas...
— Eu sei... Aderiste á Republica, depois a todos os partidos e agora é o que se sabe...

MME. Frondoni Lacombe, que se acha em Paris, continúa na cidade das elegancias, da alegria e da mocidade que se diverte, a profundar o problema do Além.

Cremos que ninguem mais do que ela tem abordado a alma dos mortos.

As respostas que constam dos seus livros vieram directamente do outro mundo. ou foram forjadas por alguns farcistas que gostam de brincar com a credulidade dos vivos?

Seja como seja, M.me Lacombe acredita na morte e na comunicação continua dos espiritos.

Em torno duma mesa de pé de galo, estabelece ela um interessante convivio entre pessoas de todas as epocas, idades, sexos, talentos e culturas.

Cesar e Napoleão deixam-se entrevistar como qualquer celebridade cabotinoide.

Conta-se que uma vez, em Londres, depois de Moysés, Budha e Virgilio, alguem sugeriu que se interrogasse Homero.

Foi este chamado e copiosamente sondado sobre a autoria da *Iliada* e da *Odisseia.* Declarou que era o autor desses poemas celebres. Um dos presentes perguntou-lhe:

—"Diz-se que tu nunca exististe—é verdade ou mentira?„

Resposta clara e concisa:

—"E' mentira!„—

Convem prevenir que isto se não deu com madame Lacombe, porque esta respeitavel senhora e distinta poetisa procede nos seus interrogatorios metapsiquicos com uma cautela que lhe evitará o desgosto de confundir uma mão peluda com a dum espectro.

* * *

FEZ ontem vinte anos que morreu, em Paris, Eça de Queiroz. O autor do *Mandarim* jaz, em sepulcro modesto, no Alto de S. João. Um leitor do *Diario de Lisboa* lembra, e com razão, que o corpo do grande escritor devia ser trasladado para um monumento a erigir no mesmo cemiterio.

Não temos duvida alguma em aplaudir esta ideia. A memoria de Eça de Queiroz é sagrada para todos os portugueses. Os seus restos mortais deviam ser objecto dum culto fervoroso. Mas, para isso, torna-se necessario trasladá-los para um mausoleu, que não passe despercebido — como a sua modesta sepultura do Alto de S. João — e onde toda a gente se descubra, ao lêr o epitafio singelo: "Aqui jaz José Maria Eça de Queiroz„.

* * *

AO contrario do que se disse, o sr. Armando Boaventura declarou-nos que não é o director, nem terá qualquer acção orientadora no jornal cuja publicação se anuncia para breve, como orgão do governo.

* * *

REUNIU hoje, de tarde, o conselho de ministros. Entre outras resoluções, consta-nos que vae explicar em nota oficiosa os motivos porque foi expulso o sr. Homem Cristo (filho).

Pelas praias

Figueira da Foz

Infelizmente, poucas festas de arte se realizam como a que domingo se efectuou no Grande Casino Peninsular, oferecida á distintissima colonia espanhola e organizada pelo seu director.

O elegante «hall», jardim de inverno e salão nobre estavam brilhantemente ornamentados pela casa Soto, do Porto, com grande profusão de grinaldas de flores entrelaçadas, com pequenas lampadas electricas de variados tons, predominando as côres espanholas, o que dava um delicioso «emsamble».

Como espectaculo foi magistral, tomando parte Ren-ler, Francisco Pazzi e a estreia do explendido numero «La tete sans corp», pelo dr. Marbrus, que agradou extraordinariamente, mas o «clou» da noite foi o «defilé» dos manequins do conhecido costureiro Ribeiro da Costa, que mostrou a mais soberba colecção de vestidos e «manteaux». Os manequins foram «coifé» por madame Renée, da rua Garrett, a nossa mais elegante modista, que apresentou chapeus de raro e admiravel bom gosto. Entre os vestidos e chapeus apresentados, é justo especializar, pela sua beleza e elegancia, um «troteur» Garçonne em «popeline vert-tilleux», criação Ribeiro da Costa, e chapeu feltro branco, com «cocarde», fita «vert», da casa Renée.

«Plené d'Argent», vestido de «soirée» uma constelação de pedrarias, capa em veludo esmeralda e ouro, modelo Prault. «Sevilha», soberbo conjunto em popeline Bourdeaux com grossas rendas guipure, peles de renard beije criação Ribeiro da Costa que mostra quanto pode realisar esta casa em arte e elegancia. Chapeu em veludo do mesmo tom «cloche» com riquissimas «crosses» modelo inedito de madame Renée.

Depois do espectaculo seguiu-se o baile no Jardim de Inverno e no salão nobre dançando-se animadamente até de madrugada. Davam uma nota artistica e elegante algumas senhoras espanholas que se apresentaram com riquissimos mantons e painetas.

O ilustre conselheiro de embaixada D. Afonso Fiscowisch, na impossibilidade de assistir por motivo de saude, enviou um afectuosissimo telegrama a Luís de Meireles, que foi lido á assistencia.

Foi, pois, na verdade, uma festa encantadora que deixou no espirito de todas não só uma deliciosa recordação, mas tambem um espiritual encanto e a certesa de que a gerencia de Luis Meireles marca uma epoca audaciosa, inteligente e elegante, assim como o desejo de elevar o seu Casino á altura dos primeiros da Europa, a que tem direito pela sua grandiosidade e luxo.

Vimos na assistencia entre outras pessoas as senhoras:

Marquesa de Valenzuela, viscondessas de Montargil e Alijó, madames Puebla, Pablo Moreno e Sota de Samperez, D. Maria Calheiros de Azevedo, D. Maria Arminda de Meireles e Vasconcelos e sobrinha, D. Isabel Soto Rainha, D. Maria de Sousa Sacadura Bote, madame Eugenio de Castro e Almeida e filha, D. Cristina Arriaga e irmã, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, D. Isabel Teixeira Bastos, D. Leonor Nestorio Sotero, madame Latino e filhas, D. Elisa Ferreira Lima, D. Maria Elisa Santos, D. Casemira Calheiros, D. Maria Lima Pereira Correia Ferreira de Abreu, D. Alice Costa Bastos Rebelo e filha D. Amalia Bandeira Viana e filhas, mademoisele Adelia e Lidia Bastos, D. Rosa Aguas Gomes Tomé, madames Jardim, Mauricio Dias, etc.

Associação dos Caçadores Lusitanos

Realisa-se no dia 19, pelas 21 e meia, na séde do «Lisboa Club», rua da Atalaia, n.º 120, a assembleia geral extraordinaria desta associação a fim da Comissão organisadora apresentar o seu relatorio e contas, e tomarem posse os futuros corpos administrativos eleitos por assembleia geral realisada no dia 4 do corrente.

Sociedade Estoril

Comunica-nos a Sociedade Estoril que, em virtude de perturbações observadas nos serviços do Cabo Submarino e por determinação da Fiscalisação do Governo, se vê forçada a reduzir o serviço da sua tracção electrica, emquanto não forem apuradas e remedeadas as causas dessas perturbações.

A Sociedade Estoril vai pôr em execução um novo horario de verão.

CARIL INDIANO e PAPARI

Amanhã e todas as quintas-feiras, aos almoços na

PASTELARIA FERRARI

Rua Nova do Almada, 93

CRONICA FINANCEIRA

AS DECLARAÇÕES

feitas aos jornais

pelo ministro das Finanças

Falou emfim o sr. ministro das Finanças, interrompendo o silencio esfingico em que se tem amuralhado a actual situação

Vamos hoje comentar essas declarações do sr. ministro das Finanças, com o espirito desapaixonado que sempre tem inspirado esta secção, o que lhe tem grangeado o respeito de todas as situações e posto ao abrigo de qualquer intervenção de censura á imprensa.

Na generalidade as declarações de S. Ex.ª o ministro das Finanças não dão grandes novidades. Se S. Ex.ª, antes de ser chamado ás cadeiras do Poder, se ocupasse dos assuntos financeiros do paiz assiduamente, e lêsse as nossas cronicas, teria visto repetidas vezes dizermos o que S. Ex.ª vem de afirmar, o que, se não é para saudar como inedito e sensacional, é contudo de estimar porque vem justamente confirmar o que nós aqui costumamos escrever, com assêrto e não com furôres ou propoitos de bota-abaixo.

Faz S. Ex.ª a declaração formal de que a situação financeira do Estado é ainda mais de urgencia de que o sr. general Sinel de Cordes supunha, ao aceitar a pasta. Não nos repugna acreditar.

Faz depender de uma severa administração o renascimento da confiança — factor consideravel de credito — tanto interna como externa.

Está dito e redito, o que quere dizer que S. Ex.ª pensa acertadamente, e de acordo com as resoluções das primeiras sessões da Sociedade das Nações, em que logo foi aconselhada a arrumação das contas publicas, ponto de partida *sine qua non* de qualquer tentativa de apoio financeiro internacional.

No que não concordamos é com o ponto de vista do sr. ministro das Finanças sobre o efeito da diminuição de despesas, reduzindo-o a um mero *factor moral*. Para que assim fosse era necessario que a administração estivesse exemplarmente dirigida, e nesse caso a situação actual não teria justificação.

Quanto ao emaranhado da nossa engrenagem fiscal é um dos pontos em que aqui temos insistido, e ainda porque S. Ex.ª reconhece praticamente que ele prejudica tanto o Estado como o contribuinte.

Presente-se que o sr. ministro das Finanças não reputa muito viavel o equilibrio orçamental, dados os encargos tomados e em que peza a negra situação de Angola, com os simples recursos das receitas, referindo-se a uma operação de credito.

Não é de impugnar, contanto que se saiba:

1.º Qual o montante dos encargos do Estado, inclusivé os da nossa divida de guerra, para assim se reduzir tudo a um orçamento ordinario, e se acaba com os orçamentos extraordinarios, mas quando não são elaborados, salteiam o Tesouro, como o actual ministro das Finanças se queixa que lhe ter sucedido na sua gerencia e na importancia de desenas de milhares de contos;

2.º Inflexivel redução das despesas, acabando com o que fôr imoral e acabar com o desperdicio dos dinheiros publicos;

3.º Aplicação rigorosa do produto da operação a tentar.

Não somos. nunca fomos pessimistas.

E, sem estarmos no segredo dos deuses! sem termos "petites entrées„ no no ministerio das Finanças, daqui asseguramos ao sr. ministro das Finanças que não lhe será impossivel conseguir essa operação de credito, a que nas suas declarações aludiu, desde que as contas publicas estejam em modo de inspirar o respeito de onde vem a confiança e, portanto, o credito.

Não duvidamos que o governo tenha e cumpra o proposito de não negociar essa operação de forma que de longe ou de perto o pondunor nacional fosse maguado. Essa duvida não a teriamos nunca, embora seja agradavel ler essa perentoria declaração do sr. ministro das Finanças. Nao nos preocupa esse capitulo que a opinião publica nacional impediria que fosse encarado de outro modo.

O que é preciso é que se estude, com a serenidade que s. ex.ª anuncia, as condições financeiras da operação.

Quanto á questão dos Tabacos, ela merece, exige, de fiacto, uma grande ponderação, tanto mais que pode vir a ser um eixo das maiores esperanças do sr. minstro das Finanças. Mas ponderação não quere dizer lentidão, e, a ser exacto o que um antigo parlamentar expoz na imprensa, o Tesouro está a ter um prejuizo; expresso em lucros cessantes. Além disso, é mister montar essa maquina de forma a que ela seja em breve um valor.

Serenidade, sim, mas actividade e energia, é o que a vida financeira do paiz pede a s. ex.ª o sr. ministro das Finanças.

Policlinica DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — **Dr. Armando Narciso** — 5 h.
Cirurgia geral, operações — **Dr. Bernardo Vilar** — 4 h.
Rins, vias urinarias — **Dr. Miguel Magalhães** — 10 h.
Pele e sifilis — **Dr. Correia de Figueiredo** — 12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia — **Dr. R. Loff** — 2 h.
Doenças dos olhos — **Dr. Mario de Mattos** — 2 h.
Garganta, nariz e ouvidos — **Dr. Mario Oliveira** — 1 h.
Estomago e intestinos — **Dr. Mendes Bello** — 3 h.
Doenças das senhoras — **Dr. Emilio Paiva** — 2 h.
Doenças das creanças — **Dr. Filipe Manso** — 12 h.
Tratamento da diabetes — **Dr. Ernesto Roma** — 5 h.
Boca e dentes — **Dr. Armando Lima** — 10 h.
Cancro e radio — **Dr. Cabral de Melo** — 4 h.
Raios X — **Dr. Aleu Saldanha** — 4 h.
Analises clinicas — **D. Gabriela Beato** — 4 h.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

FINALMENTE!...

No melhor desejo de que todos possam aproveitar vestir-se bem e com economia, os Grandes Armazens da Covilhã, Coimbra e estrangeiro, inauguram no proximo sabado a sua secção de vendas, de fazendas para fatos e sobretudos a prestações, sendo a unica no genero, porque vende directamente ao consumidor.

ABSOLUTA SERIEDADE —:— TEM ALFAIATE

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 13, 1.º, D.

(Canto pegado ao Avenida Palace)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Felgueiras, D. Maria Luiza de Borja Trindade de Pais Mamede, D. Adelaide de Almeida da Camara Leme, D. Francisca Manso Gomes Palma, D. Constança Berquó de Mendoça Feyo Folque, D, Maria Laiza de Aguiar Peters, D. Maria da Graça Pereira de Melo de Mascarenhas e Silva, D. Arminda Lecocq do Rego Barreto da Fonseca Magalhães Palma da Costa e Silva (Almarjão) e D. Maria d'Ascensão Palmeirim Ferreira.

E os srs.:

Conde de Castro e Sola, visconde de Silvares, D. José da Cunha e Lorena (S. Vicente), Joaquim Antonio Pereira Vilela, Gil Guedes de Queiroz (Foz), Fernando de Mendoça Belo e João de Paiva da Costa Leite Brandão.

Povoa de Varzim

Venho encontrar a Povoa largamente concorrida e mais animada do que nunca. Pela velha Junqueira e ao longo da Avenida dos Banhos vêm-se muitas gentilissimas senhoras. A capital está largamente representada por distintas familias que manifestam a cada instante o seu encantamento pela Povoa e pelos progressos nela realizados. No capitulo luz e higiene muito aqui teriam de aprender algumas das nossas mais importantes cidades. De lamentar é o criterio que dissolveu todas as camaras porque privou esta vila de um nucleo de zelosos e inteligentes administradores do seu municipio.

O «Chinês», um casino de aspecto grandioso e original, graças ao esforço e tenacidade de um simpatico moço poveiro — o José Costa — está trasformado num recinto delicioso onde se dão «rendez-vous» as familias da melhor sociedade. Ha lá musica pelo famoso «jaz-band» Iberia e outros diversões que muito distraem a numerosa e elegante assistencia que ali acorre todas as noites.

O Universal, menos presumido e pretenciosos, é igualmente muito concorrido e tem boa musica. Outros cafés, como o «Peninsular» e o «Petit Drapan» musica e variedades que lhes proporcionam farta concorrencia de banhistas.

Quem vai do Leão d'Ouro, centro de vendas ali na Junqueira, muito frequentado pelas damas aqui em veraneio, até ao Bar, tem em certos momentos a impressão de percorrer uma estensa galeria onde a policromia das toiletes, o som da musica o perfume e a graça das mulheres, tudo, enfim, que constitue Arte e Belesa, nos empolga a extasia. Só a Assembleia é que ainda não deu nenhuma daquelas festas que o ano passado marcaram pelo seu acentuado cunho de estrema elegancia e distinção. Um doloroso acontecimeto, a morte do dr. Caetano de Oliveira e a ausencia no estrangeiro do prestigioso clinico e homem de sociedade dr. Garcia de Carvalho tem sido a causa da falta apontada. Como este acaba de regressar, é de esperar que as coisas se modifiquem. Do que se passar dar-se-ha conta neste cantinho.

Vão começar os chás-tango no Casino Chinês e daqui a alguns dias teremos o conourso hipico no formoso «Stadium». Domingo a companhia Lucilia Simões-Erico Braga e as imponentes festas da Senhora da Assunção.

Como a nova empresa melhorou extraordinariamente o horario de comboios, é facil calcular o que será durante esta epoca a linda praia do Povoa. Pelos nomes que em breve lhes vou mandar. facilmente verificarão como ela está sendo justamente preferida pela nossa elite.

Quem, infelizmente, ainda não veio este ano, sendo todavia esperados, são os viscondes de Pedralva. Fazem muita falta.

Poveiro Adventicio

Recitas elegantes

No Nacional

Com uma das ultimas representações da peça de grande exito «Os Filhos», realiza-se hoje a tradicional recita da moda, que, como as anteriores, terá um cunho verdadeiramente elegante, pois a ela assistirão, certamente, as principais familias da nossa sociedade.

Casamentos

Para seu filho Tomás, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Sára Joana Perestrelo da Camara de Serra e Moura, viuva do ilustre presidente do Supremo Tribunal de Justiça, sr. conselheiro Tomás Nunes de Serra e Moura, a senhora D. Domicilia Coimbra Moreira da Costa, gentil filha da sr.ª D. Justina das Dores Coimbra Moreira da Costa e do sr. José Moreira da Costa, já falecido.

O casamento realizar-se-ha por todo o proximo ano.

—Na paroquial igreja de Nossa Senhora do Amparo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Suzana Elisa de Lisboa Oliveira Dores, filha da sr.ª D. Julia de Lisboa Oliveira Dores e do engenheiro naval sr. Alfredo de Oliveira Dores, com o sr. Jorge José da Cunha, filho da sr.ª D. Vicencia Akola Ribeiro da Fonseca e Cunha e do sr. Gregorio José da Cunha.

Pontos de reunião

No Variedades

O Variedades, o teatro mais concorrido e elegante da capital, continua marcando como sendo o preferido pelas senhoras da nossa primeira sociedade para os seus «rendez-vous», vendo-se ali, todas as noites, os camarotes e frizas com uma selecta assistencia. A interessante revista «O Pó de Arroz», ampliada agora com lindos numeros novos «O Cigarro do Asilado» e «Adeus, Anita!», mantem o seu sucesso primitivo.

Amanhã realizam-se as sessões da moda.

De viagem

Seguiu do Porto para as Caldas de Saude, o sr. Joaquim Monteiro Rebelo.

—Partiu para a praia de Miramar, o sr. Manuel José Dias.

—De Sabugal. partiu para Nespereira de Gouveia, o sr. dr. Luiz Osorio.

—Partiu de Miranda do Douro para Macedo de Cavaleiros, o sr. dr. Manuel Antonio Pires.

—Está em Sinfães o sr. José Maria de Carvalho e Vasconcelos.

LA KABILINE

para tingir em casa

NOVIDADES LITERARIAS

De "A morte do Palhaço„ do escritor Raul Brandão

Esgalhada e sêca, os seus frutos eram cadaveres ou corvos. Ninguem se lembrava que tivesse dado fôlhas nem flôr, a arvore enorme que havia séculos servia de fôrca: ninguem se deitava á sua sombra, e até o sol fugia da arvore estarrecida e hirta que havia seculos servia de fôrca.

Em frente ficava o Palacio real, construído num bloco de pedra escura, e só o Rei, de alma igual á sua alma, nua e tragica, se puzera a amála, a arvore triste que havia seculos servia de fôrca.

Que doença estranha, lenta mas tenaz, matava o Rei?... Só amava os crepusculos, as agonias da luz, o passado, e a multidão silenciosa vinha vê-lo, ao fim da tarde, de cabeça encostada aos vidros das janelas, fixo o olhar nas aguas verdes e limosas e no espectro da arvore levantada diante do Palacio. Tudo que era vivo fugira de ao pé dele, porque o Rei mandava punir a mocidade e o amôr, e dez léguas á roda o país tinha sido assolado pelos seus guerreiros brutais. Mandara queimar tudo, devastar tudo no seu reino. Nem uma fôlha nem uma ave — nem uma sinal de vida. De pé unicamente a arvore, desde séculos estarrecida e hirta, a arvore maldita que no seu reino servia de fôrca.

No silencio tumular do Palacio os passos do Rei ecoavam pelos corredores desertos, lentos ou precipitados, conforme o pensamento tenaz que o devorava, gastando pouco a pouco as lages duras do chão. Não podia amar. Nem a voluptuosidade, nem o ideal, nem o amôr, nem a carne láctea das mulheres: tudo lhe era vedado. Horas atrás de horas se ouviam no Palacio os passos do Rei doente, toda a noite, toda a noite a rondar...

Sucedeu que veiu a primavera e todas as arvores, para lá do territorio assolado, estremeceram e se cobriram de flôr. Borboletas nascidas do seu habito noivavam no azul, e dois mendigos amorosos, de países lendarios, entraram e perderam-se naquela terra praguenta, ela envolta na poalha dos cabelos louros, ele feliz e esbelto, preso ao seu olhar. Eram pobres. E assim, apenas vestidos, vieram enlaçados com a primavera, cobrindo a terra erma, que calcavam, de vida e de amôr. Eram pobres e felizes. Flôres esvoaçavam pela sua nudez, e as macieiras dos quintais deitavam galhos fóra dos muros, de proposito para os ver passar.

Azul, sonho, entontecimento, toda a atmosfera estremecia. Só o Rei no Palacio deserto vivia braço a braço com a dôr. A vida, a luz, as arvores enojavam-no. Queria todo o país negro, deserto e escalvado; e o amôr que trespassava a terra e os bichos, a propria morte que tudo transforma, lhe pareciam abominação e afronta. Odiava a vida. Mas deitava-se e sentia palpitar as fragas: os montes eram seios duros, as arvores cabelos ao vento. Para não ver, encerrava-se no Palacio construído dum bloco de pedra, e sózinho ficava então de olhos postos na arvore. Contemplava-a. Como o Rei, ela era sêca e hirta — fôra-o sempre — e os seus frutos cadaveres ou corvos. A' passagem de Abril e dos mendigos, tudo á volta se transformava: só ela quedava inerte diante da vida e do amôr, a arvore tragica que havia seculos servia de fôrca.

Um dia o Rei soube que dois sêres felizes haviam transpôsto as fronteiras e mandou-os logo prender. Nas ultimas noites sentira-os nos espinheiros tumidos, nos sapos dos caminhos que pareciam extaticos, nas coisas que estremeciam, na noite magnética cheia de murmurios, no vento que atirava para o castelo ramos de arvores luminosos. Punha-se de ouvido á escuta, e a terra, a noite e o mar sufocados íam talvez falar, íam enfim falar!...

Quando os soldados os trouxeram ao Palacio, com eles entrou um bafo novo: cheiravam a sol e á lama dos caminhos e pegava-se-lhes húmus aos pés descalços. A vida rompeu por aquele tumulo dentro e, pois que íam morrer, dir-se-ía que a morte, em lugar da foice simbólica, pela primeira vez trazia nas mãos um ramo de arvore.

Dois mendigos e amavam-se! Nem sequer eram extraordinariamente belos, mas deles irradiava uma fôrça imensa—daquela moça sardenta, com resquícios de palha pegados aos cabelos, daquele homem cuja carne aparecia entre os farrapos. Não davam pelo Rei, não davam pela Morte. Amavam-se. Atreviam-se num país que ele mandara assolar para que nunca mais diante de seus olhos pudesse aparecer a imagem da vida e do amôr!

Olhou-os o Rei durante alguns minutos em silencio, e depois fez um gesto aos carrascos, que logo se apoderaram deles e os levaram. Sorriam-se os mendigos cheios de terra e ervas, e, enlevados, olharam um para o outro, ignorando o que se passava em volta — olhos nos olhos, mãos nas mãos...

Noite negra, o Rei subiu sósinho ao terraço. Restos de nuvens, restos de mantos esfarrapados arrastavam-se pelo céu. A arvore onde os dois haviam sido enforcados, mal se distinguia no escuro; mas de lá vinha um frémito, a sua agonia talvez, e uma claridade, os seus corpos decerto. Em vão reduzira tudo a cinzas — por baixo das cinzas latejava a vida. Toda a terra parecia fermentar. Ouvia murmurios. Se a arvores falassem! se as arvores e as coisas disséssem tudo que sabem! A agua chalrava, perdia-se em fios pela terra. Mas então ele não mandara secar as fontes? Vozes, mais vozes ainda no escuro, a voz baixinha e humilde das arvores cheias de fôlha, que o vento chegava umas para as outras... Mas então ele não mandara despir para sempre as arvores? Pior... Mais fundo ainda, no negrume opaco da noite, o sussurro da vida — como se ele não tivesse mandado espezinhar a vida... Encostado á muralha, passou a noite absorto. As nuvens galopavam, o grasnido dos corvos afligia-o... Porque não iria ele tambem ser macieira, mendigos, húmus? transformar a dôr em felicidade? beber o sol arrastado na aluvião da vida? Oh como odiava a mocidade, a ternura, os labios môços que se beijam!...

Só a arvore esgalhada e sêca o prendia ainda, a arvore sinistra que no seu reino servia de fôrca.

Ficou até de manhã de olhos postos naquele fantasma triste e enorme, negro como as ideias negras que tecia, sêco como a sua propria alma — a arvore desmedida que no seu reino servia de fôrca... Começaram os cerros a tingir-se de violeta, as arvores a azular, e a fôrca, em que se absorvia, a destacar-se de entre a névoa, a arvore esgalhada e imensa que havia seculos perdera a seiva e a vida.

Subito ficou imovel de espanto. Aquecida com o amôr de dois mendigos, tinha o galho em que pendiam enforcados cheiinho de flôr. Dura e má como as pragas juntara no ramo que os cobria toda a flôr que a terra assolada não pudera produzir. Era nada, quasi nada, algumas flôres miudinhas prestes a sumirem-se ao primeiro sôpro — era dôr estreme e sonho estreme. Nos seus braços haviam sido enforcados muitos desgraçados e as suas raízes mortas pelas lagrimas de aflição. Tolhida com os gritos, não bebia agua nem sugava húmus. Vira passar homens, primaveras e reinados, sem se comover, mão arrepelada a amaldiçoar a terra e o castelo. Assistira a transformações de solo, a tempestades, a cataclismos e a guerras, sempre petrificada como a morte — e naquela noite, trespassada pelo amôr dos dois mendigos, desentranhara-se em ternura, como se nela se concentrasse toda a paixão, a primavera e o noivado da terra — a arvore maldita que desde séculos servira de fôrca.

transcrevem-se

dois contos

A obra de Raul Brandão é uma estatua assombrosa de dôr, de amargura e de espanto. Escritor de poderosas qualidades de beleza, observando a vida no que ela tem de misterio e de sonho, arrancando á alma humana as suas cobardias, as suas duvidas e os seus espasmos de loucura, o cabouqueiro genial dos "Pobres„ e dos "Pescadores„ consegue atingir os supremos acumes da tragedia, marcando com ferro em braza o coração profundo da miseria e da desgraça. Todas as figuras dos seus livros, por uma extraordinaria penetração do real na sombra, na noite, no misterio eterno do mundo—gritam, falam, estrebucham, palpitam, como frisos portentosos duma procissão de reprobos e malditos.

A obra de Raul Brandão está hoje consagrada em sucessivas edições.

Acaba de ser reeditado, pela *Seara Nova*, um dos primeiros livros de Raul Brandão. "A Morte do Palhaço e o Misterio da Arvore„—é o livro base, genese de toda a obra do escritor. Porventura o mais belo, o mais sincero, o mais doloroso.

A edição, que é magnifica, apresenta excelentes ilustrações do distinto pintor Martinho da Fonseca.

POR 9$10

Encontram-se á venda os "Cabides Manequins„ desde Esc. 9$10 nos Grandes Armazens, boas alfaiatarias, lojas de moveis e no novo deposito

R. Augusta, 150-156

RIBEIRO & SILVA, LTD.ª

Exijam o "Cabide Manequim„ da sua medida de peito.

SAPATARIA CONTENTE, LTD.ª

CALÇADOS CHICS

ULTIMOS MODELOS

Rua do Carmo, 74 **Telf. 5359 N.**

Semana dos Lanificios

Nos Grandes Armazens de Lanificios da Covilhã, Coimbra e estrangeiro continuam a vender-se durante a semana *com grandes abatimentos, casemiras, estambres, cheviotes, gabardines,* etc., etc., por preços UNICOS.

Alvadios a Esc. 30$00 cada metro!

Mandam empregado a casa do cliente com a colecção, sem encargo algum. Para a provincia porte gratis.

P. Restauradores, 13, 1.°, D. (canto, pegado ao Hotel Avenida Palace)

Tem alfaiate **Fatos sem prova**

***Deposito no Porto*—1, Avenida dos Aliados, 1**

O CREME Zally
Pó de Arroz
Faz as damas formosas
A' venda nos bons estabelecimentos
Preços: Pó 6$00, Creme 6$00 Envia-se pelo correio
R. DAS PEDRAS NEGRAS, 36, 3.º— Telef. C. 1633

A Cidade

CLINICA DENTARIA
Dentaduras completas a 300$00, placas parciais 15$00 cada dente, extracções sem dôr com anestesia especial 5$00, pondo á disposição de quem, com reconhecida competencia, queira verificar o material empregado, na certeza de que em nenhum outro consultorio se faz melhor. Consultas gratis das 9 ás 13 e das 15 ás 20. DR. BUENO ROMERA, C. do Combro, 32, 1.º. E. Tel. 950 T.

Chá das cinco

Um quarto de hora de amor

Ela vinha de longe, naquele barco estranho, onde todas as raças viviam e todos os aspectos de beleza se encontravam numa linguagem singular de ritmo e de harmonia. Havia a mulher atlantica —loira e astrabica, com uma orquidia pendurada e morta no peito estreito; italianas flexuosas e esbeltas, que fitavam o mar, com olhos de cinza e tinham amado todos os homens; polacas misteriosas, de mortuarios sorrisos, brancos, envolventes, glaciais como as peles dos seus arminhos raros.

Ha muitos anos que esperava essa mulher, que andára de cidade em cidade, louca, alucinada de extravagantes melancolias. Amava-a? Sim, amava-a como se amam os fantasmas, que nos comovem de espunto e de distancia. Mas nunca lhe tinha falado, e desta suspensão da vida, o meu amor era maior, mais completo, mais alto.

Tudo quanto havia de sonho, de beleza e de lirismo lhe tinha dado, como os artistas que sabem evocar os desertos inatingiveis do ideal.

Na minha frente, quando lhe falei de toda uma existencia de anciedade, de murmurio e de contemplação infinita— tinha apenas para lhe dizer um quarto de hora.

Um quarto de hora escasso, que nunca mais se repetiria, entre o tumulto do embarque e a tintas claras e liquidas duma cidade que acordara tarde!

O que lhe disse, meu Deus! naquela primeira despedida que era o primeiro encontro do nosso amor, das nossas vidas, dos nossos destinos—um deles errante e distante pelo mundo...

Sei que a fitei muito, muito e no silencio enorme das nossas almas penetradas de saudade intensa, que as ondas iam separar, encontrei nos seus olhos as lagrimas dos meus, e nas suas mãos todas as lagrimas que lhe tinha escrito —todas as lagrimas que eu sabia ter que chorar ainda.

Artur Portela

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
s|Londres	—	94$75
s|Madrid	—	3$05
s|Paris	—	$57
s|Suissa	—	3$78,5
s|Bruxelas	—	$54
s|Nova-York	—	19$55
s|Amsterdam	—	7$85
s|Italia	—	$65
s|Brasil	—	3$05
s|Praga	—	$58
s|Suecia	—	5$24
s|Austria	—	2$77
s|Berlim	—	4$66
Libra esterlina	98$00	100$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações 6 1|2 0|0 1923	568$00
» Externas 1.ª serie	516$00
Acções do Banco de Portugal	—
» do Banco Lisboa & Açores	—
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia de Fosforos	109$50
» da Companhia dos Tabacos	1.011$00
» da Companhia do Gaz, 1922|23	148$00
» da Companhia do Aboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

O melhor café é o d'«A Brazileira»—LISBOA

PARA O EXILIO...

PARTIU

ESTA TARDE

para a capital francesa

o jornalista Homem Christo Filho

Como se sabe, o governo deliberou o exilio do director de *A Informação*, sr. Homem Cristo, filho.

* * *

O sr. Homem Cristo, filho, saiu hoje do Governo Civil para sua casa, pelas 10 horas e meia da manhã, a fim de ultimar os preparativos de viagem.

Trocámos com ele algumas palavras.

—Ainda hoje não sei ao certo porque me expulsam do meu pais, a mim que o estremeço, e que por ele, lá fóra, tenho feito alguma coisa, ás vezes até substituindo, no afan patriotico, os nossos diplomatas. Discordando muitas vezes, e sem disfarces, das situações poli-

HOMEM CHRISTO FILHO

ticas, nunca por esse motivo, e nomeadamente nos ultimos anos, deixei de prestar a assisteneia da minha pena e das minhas relações á causa portuguesa.

* * *

O sr. Homem Cristo, filho, recebeu nos dias em que esteve preso, provas de consideração e de solidariedade profissional, não só dos seus amigos — é claro — mas de pessoas com pensamento politico diverso, e até de pessoas que têm as relações pessoais cortadas com o director de *A Informação*.

Acentuando istó, e citando nomes, o sr. Homem Cristo diz:

—A direcção de *A Informação*?

—Fica comigo.

—Mas diz-se que seu pae...

—Não é certo. Meu pae, que é um grande jornalista, um formidavel polemista, um português e uma alma enorme de lutador, está convalescente de uma operação melindrosissima. Não pode suportar estes trabalhos. Além disso, tem um feitio pessoalista tão vincado que não me parece que ele se pudesse integrar no pensamento disciplinado do meu jornal. Não sei como se inventou que Homem Cristo, pae, vinha dirigir o jornal de Homem Cristo, filho.

—Vae para Paris?

—Não. Vou para Biarritz, embora primeiro vá a Paris um dia ou dois. Em Biarritz ficarei a dirigir *A Informação* e a escrever.

* * *

O sr. Homem Cristo devia ter embarcado no Rossio, á 1 da tarde, no "Sud„. Na estação estavam algumas centenas de pessoas a apresentar despedidas. Amigos pessoais e jornalistas representativos. As horas da partida do "Sud„ aproximam-se, e o exilado não chegava.

Soube-se depois que, dez minutos antes da hora, o tenente sr. José Carlos, da policia, tomou com o jornalista, logar num automovel e, por ordem do governo, fez conduzir o sr. Homem Cristo á estação de Entre-Campos, onde o "Sud„ excepcionalmente, parou.

Estivemos á partida do "Sud„ no Rossio, e pudemos tambem chegar a Entre-Campos a tempo de assistirmos ao embarque do exilado, que ia acompanhado de um agente. Alguns amigos pessoais, alguns jornalistas, que previram o despiste, chegaram a tempo.

A' partida de Entre-Campos foram dados vivas á liberdade e ao regime. Da sua carruagem, o sr. Homem Cristo debruçou-se e gritou:

—Viva a Republica!

Talvez tenha sido o primeiro viva ao regime que Homem Cristo, filho, tenha soltado em toda a sua vida politica.

* * *

Entre outras pessoas, estiveram na estação do Rossio os srs. Eduardo Schwalbach, director do *Diario de Noticias;* Tito Martins, sub-director de *O Seculo;* dr. Joaquim Manso, director do *Diario de Lisboa;* Urbano Rodrigues, director de *O Mundo;* Rocha Martins, director do *A B C;* dr. João Moreira de Almeida, major Tamagnini Barbosa, comandante Filomeno da Camara, dr. Faria Teotonio, Marquez de Ficalho, Conde de Monsaraz, D. Maria Fernanda de Castro Ferro, Antonio Ferro, D. Tereza Leitão de Barros, Pedro Bordallo Pinheiro, D. Carolina Homem Cristo, João Franco Monteiro, Alfredo Candido, Armando da Silva, Norberto Lopes, Augusto Pinto e Jaime Brasil, representantes do Sindicato dos Profissionais da Imprensa; José Rino Froes, dr. Mario Monteiro, Josuá Benoliel, Aires Pinto da Cunha, Reinaldo Ferreira, Carlos Rates, Ivo de Monforte, Leitão de Barros, Rodrigues Leal, José de Almada Negreiros, José Pacheco, Ferreira de Castro, Sanches de Castro, Vieira da Rosa, Silva Dias, Alvaro Lima, Augusto da Costa, Antonio Certima, Nobre de Carvalho, Ferreira Cardoso, Mario Azenha, Frederico Pavão, Artur Portela, Alvaro de Andrade, Fausto Vilar, Miguel Martins, Henrique Costa, João Camacho, Carlos Mota Marques, Manzoni Sequeira, Sousa Junior, Alvaro Santos, Baptista Diniz, Manuel Rodrigues, Pinto Monteiro, José Candido Godinho, Norberto de Araujo, etc.

Estavam representadas todas as secções de *A Informação* e a Associação dos Vendedores de Jornais.

O desastre da Regoa

Noticias recebidas hoje pelo Governo, informam que se acentuam as melhoras do sr. ministro do Interior e das outras vitimas do desastre de domingo na Regoa. No conselho de ministros, que hoje reune no ministerio das Colonias pelas 6 horas da tarde, deve ficar resolvido quem assumirá a interinidade da pasta do Interior.

Q' TU QUE FUMAS!

Amanhã

realisa-se

no "Maxims„

uma festa dedicada ao "Cigarro do Asilado"

Em boa hora o *Diario de Lisboa* se lembrou de pedir um cigarro para os velhinhos dos asilos.

Nunca uma iniciativa foi acolhida entre nós com tanto entusiasmo e com tanto carinho.

Os aplausos chegam-nos de todos os lados. O movimento de simpatia feito em torno dos velhos asilados através do cigarro amigo é já qualquer coisa de grande.

Chovem na nossa redacção as ofertas de tabaco, que nós recolhemos enquanto não forem colocadas nos respectivos logares as caixas destinadas ao «Cigarro do Asilado».

Alguns teatros acompanham generosamente a nossa iniciativa. Dentre eles, destaca-se o Variedades, onde a gentilissima actriz Hortense Luz recebe todas as noites montes de cigarros e donativos em dinheiro para os velhinhos dos Asilos.

Da empresa Estevam Amarante recebemos tambem 372 cigarros e 8$85 com o mesmo destino.

O sr. Luiz Barreto, de Vila Nova de Monsarros (Anadia), enviou-nos igualmente tabaco para ser distribuido pelos asilados.

A empresa do *Maxim* tomou a simpatica iniciativa de promover amanhã uma festa, naquela elegante casa de diversões, exclusivamente dedicada ao «Cigarro do Asilado».

As salas do *Maxim* serão vistosamente ornamentadas, havendo divertimentos de sensação e muita alegria entre os frequentadores do luxuoso *club*.

Durante a festa, toda a gente terá ocasião de concorrer com o seu obulo para o «Cigarro do Asilado».

Pensões de sangue

As pensionistas de preço de sangue entregaram um memorial ao sr. ministro das Finanças, pedindo para lhes serem extensivas as regalias concedidas a outras pensionistas do Estado. Estiveram tambem com o secretario do sr. presidente do ministerio.

BANANAS
Acaba de chegar uma monumental remessa que vendemos a preços sensacionais.
Atendem-se todos os pedidos da provincia.
FRUTARIA DE LISBOA
92, R. da Betesga, 93

MOBILIA ALEMTEJANA
E' a mais caracteristica
E' a mais bonita
E' a mais portuguesa
E' a mais economica
Grandes Armazens das Ilhas
RUA DE S. BENTO, 114 a 142

A Cidade

ARTE NO LAR
R. de S. Thiago, 16 (Carro da Graça, paragem Santa Luzia)
Grande exposição regional. Tapetes de Vizeu e Minho. Louça portuguesa Rendas de Peniche e Villa do Conde

AMOR FUNESTO

Morreu esta tarde o oficial da Marinha Mercante Francisco Vieira Dionizio

Faleceu hoje de manhã no Hospital de S. José o oficial da marinha mercante sr. Francisco Vieira Dionisio, agredido misteriosamente com um caco na rua dos Mastros, quando, como se noticiou, estava conversando com uma senhora sua namorada.

Os leitores conhecem o caso nas suas linhas gerais. O agredido namorava uma senhora na aludida rua; a certa altura do namoro teve de ausentar-se para Africa por motivo de serviços inadiaveis. Conhecera, pouco antes, por intermedio da senhora em questão, uma outra, sua visinha e sua amiga, com a qual se relacionou a pontos de haver ciumes da parte da prometida, e desavenças de visinhança, e disputas de familia.

Tendo regressado da viagem, o sr. Dionisio, que andava com o coração a pendular entre as duas, ou porque as circunstancias o forçaram a isso, ou porque assim lhe aprouve expontaneamente, decidiu-se a trocar pela segunda a namorada antiga, o que não agradou, naturalmente, ás pessoas conhecedoras do repudio.

Falatorio no sitio; comentarios de senhoras visinhas; o dize tu direi eu habitual dos bairros onde é mais tipica a mania de se bedelhar com a vida alheia; e na noite de 15 do corrente, quando o rapaz estava no namoro de gargarejo em que e entretinha, alguem, que não se sabe quem foi, pespegou-lhe com um caco enorme na cabeça, de tal maneira o ferindo, que o matou.

* * *

Ciume? Parece; mas a Policia, chamada a intervir, não colheu ainda elementos de prova que a habilitem a decidir-se por uma opinião segura.

Desastre? Póde ser. Tudo póde ser, enquanto os investigadores não passam do campo das hipoteses; mas, lá na rua dos Mastros toda a gente se inclina a crêr que o caco que matou o pobre rapaz lhe foi arremessado á cabeça por erro de pontaria, por tudo indicar que era no coração que se pretendeu atingi-lo.

Já se procurou explicar o lamentavel acontecimento, lembrando que algum gato podia ter despenhado do telhado, «por diabrura», qualquer vaso que lá estivesse á mercê do vento e dos bichanos vadios.

Haverá realmente gato no caso?

—Qual gato, qual carapuça...!—Desdenhou hoje uma visinha da rua dos Mas-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

BANANAS E ANANAZES
Ninguem compre estes artigos sem consultar a **Frutaria de Lisboa,** que devido ao seu enorme "stock", faz preços sensacionais.
A quem fôr economico recomenda-se uma visita a esta casa.
92, rua da Betesga, 93

AS FINANÇAS...

CONTA A SUA ACÇAO na pasta das finanças

o antigo ministro Marques Guedes

O sr. dr. Marques Guedes, ministro das Finanças que foi no ultimo governo da presidencia do sr. Antonio Maria da Silva, é um politico que escreve bem,

Coisa tão rara na nossa terra, que não julgamos de mais pô-la em relevo, a abrir uma transcrição do seu livro, que aparece em breve no mercado, "Cinco meses de governo".

Espirito duma rara cultura e duma educação apurada, o dr. Marques Guedes poz na obra, que é de memorias e de recordações, o melhor da sua sensibilidade privilegiada, e do seu invulgar talento.

"Cinco meses de governo" ha-de ficar como o depoimento desapaixonado dum homem a quem os acontecimentos destes ultimos meses não conseguiram perturbar até ao ponto de lhe alterar a clara visão e o sincero sentir.

«Uma politica de radicalismo imprudentes veiu dar força aos *amigos da ordem.*

A politica cambial do governo Rodrigues Gaspar, com os reflexos economicos que, em outro capitulo, já rapidamente analisei, criára dificuldades e descontentamentos em muitas classes.

A falta de repressão energica contra uma série de atentados pessoais e contra os assaltos da Legião Vermelha criou no espirito publico, e na força armada o convencimento de que o governo, que aquele sucedera, não garantia a ordem e a disciplina social.

Esse estado de espirito provocou, já na gerencia dum novo governo, a revolução jugulada de 18 de Abril de 1925.

O movimento foi dominado pelas armas em duas ou três horas de intenso bombardeio.

No dia seguinte ao da vitoria, o gabinete Vitorino Guimarães apresentou-se ao Parlamento e foi ali recebido, não como um vencedor, mas como um réu.

O Parlamento, enfraquecendo o ministerio, impediu que ele tirasse da vitoria o prestigio suficiente para a obra de depuração que havia a efectuar.

Mas o governo, não contando com as reacções sentimentais das *posições criadas* e dos *direitos adquiridos*, cometeu o erro de publicar um decreto que o autorizava a demitir do Exercito os dirigentes do 18 de Abril, dando assim a disposições penais efeito retroactivo.

Tal decreto provocou no Exercito um grande descontentamento.

Dizia-se que grande parte dele estivera comprometido no movimento sufocado. E falava-se já numa nova revolução, na *revolução do remorso.*

* * *

Com certeza foi eco desse estado de descontentamento a tentativa revolucionaria de 29 de Julho, capitaneada pelo comandante Mendes Cabeçadas e em que tomaram parte varios dos presos do 18 de Abril, que, para esse efeito, tinham saído, nas vesperas, do presidio.

O movimento foi vencido rapidamente pelo governo, então presidido pelo engenheiro Antonio Maria da Silva, e que já se encontrava demissionario, tendo vivido no Parlamento apenas 15 dias. A crise foi resolvida com um gabinete democratico, presidido pelo dr. Domingos Pereira para fazer as eleições gerais.

Algum tempo depois, realizou-se na Sala do Risco do Arsenal da Marinha o julgamento dos implicados no 18 de Abril.

O descontentamento do Exercito achou ali o seu *tubo de descarga.* A projectada manifestação de repulsa contra o decreto fez-se naquele tribunal, dando como não provados os factos, de que eram acusados os réus e absolvendo-os.

O promotor de justiça não os acusára e fizera-lhes o elogio; os jurados absolveram-nos por unanimidade.

A revolução, julgada a tiro 4 meses antes no alto da Rotunda, vencia agora sem armas no tribunal da Sala do Risco.

Reclamára-se ali, de facto, a legitimidade da insurreição contra a situação politica dominante.

A partir de então, o Poder, não tendo conseguido dominar os descontentes, indo sobre eles de espada alta, só podia trilhar um destes caminhos — ou abdicar ou transigir com a revolução em marcha, para a desarmar.

Creio que foi neste ultimo intuito que o ministerio Domingos Pereira, recompondo-se, foi pedir a colaboração do tenente-coronel José de Mascarenhas, como ministro da Guerra.

Na segunda metade de Dezembro, vencidas as eleições pelo partido democratico, Antonio Maria da Silva constituiu o gabinete de que fiz parte.

Fômos para o governo — eu, pelo menos, assim fui — com o convencimento de que iamos fazer apenas o nosso *quarto de sentinela.*

Fazemos a casa da guarda, costumava repetir o presidente do ministerio.

Era mister liquidar urgentemente o caso monstruoso do Angola e Metropole e pôr no Parlamento a questão dos Tabacos.

Governo que o fizese teria cumprido já uma importante tarefa politica. Como escrevi no 1.º capitulo deste livro, se alguem devia queimar-se neste lance, esse fôsse, eu, que não tinha passado politico de relevo e era um nome, cuja inutilização pequena perda podia trazer ao partido e á Republica.

Sentimos que a revolução não desarmava e continuava em marcha.

Braga e Coimbra eram os seus focos mais ardentes.

Em Fevereiro, acompanhei a Coimbra o ministro da Guerra, que ali foi *sondar* os chefes da conspiração daquela Divisão militar.

O movimento em preparação era caracteristicamente republicano e, se bem que feito pelo Exercito, não visava a estabelecer um governo militar.

Não combatia nenhum partido, reconhecendo que em todos eles havia e ha autenticos valores morais e mentais. Aspirava, por isso mesmo, á constituição de um governo nacional, a cuja frente podia ser colocado um oficial general.

Os partidos, dizia-se, minados de cisões, encontravam-se indisciplinados e sem direcção eficaz. Isso gerava um certo estado de *deliquescencia republicana*, que era mister combater, a bem do regime.

E sobretudo — ah! sobretudo! — o Parlamento não era poupado, sobre ele se descarregando, e com justiça, o maior quinhão de culpas e de responsabilidades.

Em Abril seguinte começou o tumulto parlamentar, que alentou a conspiração, ajudando a criar o ambiente ao movimento projectado.

Durante duas semanas, algumas das oposições ofereceram ao país o espectaculo que está na memoria de todos.

O governo, inegavelmente, saía mal ferido da contenda, diminuido no seu prestigio. Mas, o Parlamento, dir-se-ía que quizera suicidar-se.

* * *

Clamava, a altos brados, pela ditadura que avançava, armada e forte da cumplicidade do Exercito, que jurára, ou auxiliá-la ou não a combater...

Pelos teatros

Teresa Gomes

Teresa Gomes é hoje das artistas mais populares de Lisboa, tendo conquistado um publico muito seu, especialmente o do teatro Maria Vi-

TEREZA GOMES

toria, de cujo elenco é uma das primeiras figuras. Na revista «Olarila», ali em scena, Teresa Gomes, marca a sua individualidade em interessantes numeros que são os que dão a melhor nota caricatural, esfusiante de alegria e de espirito.

Para o Brasil

O vapor «Heredia», a bordo do qual seguiu a companhia de revistas Antonio Macedo-Oscar Ribeiro, só esta manhã saiu a barra, em virtude de ter entrado ontem com grande atrazo. O empresario Antonio Macedo ofereceu a bordo uma taça de «champagne» á brilhante «estrela» Lina Demoel, tendo-se trocado afectuosos brindes entre os presentes.

Atrás do reposteiro

Iniciou-se brilhantemente a «tournée» artistica da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, que ontem, depois de tres espectaculos notaveis se despediu do publico da Povoa do Varzim, no teatro Garrett. Hoje, faz a sua estreia no teatro Afonso Sanches, de Vila do Conde, onde representará as peças «A Exilada» e «O homem das cinco horas». Sexta feira volta á Povoa de Varzim, onde dará mais três espectaculos.

—Só na proxima semana subirá á scena no teatro Nacional a peça «Se eu quizesse...», continuando a representar-se, a pedido do publico, até lá, a peça «Os filhos». Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo têm recebido muitas propostas para espectaculos na provincia.

—Apesar do sucesso que a revista «Olarila» está obtendo, começaram no teatro Maria Victoria os ensaios de uma nova revista, tambem de caracter popular.

—A companhia Palmira Bastos-Gil Ferreira, que se encontra actualmente na Figueira da Foz, deve recolher no fim do mês a Lisboa, parecendo que se dissolverá.

—Começaram já, no teatro do Ginasio, os ensaios da farça «O Naufragio do Lagosta», que vai substituir no cartaz o «vaudeville» «Três meninas nuas».

—Noticias do Rio de Janeiro dizem que está trabalhando no Teatro Lirico a companhia do «Ba-Ta-Clan».

—A actriz Maria Emilia Castelo Branco cantará brevemente, no Salão Foz, a balada «No Além!» musica e letra do actor Luis Pinto, do teatro Nacional.

—No dia 31 do corrente realiza-se no teatro Variedades a festa do chefe-fiscal do Parque Mayer, sr. Oliveira, com um belo espectaculo.

—Fizeram exame no Conservatorio muitos dos aspirantes a artistas dramaticos que se quizeram dispensar de fazer o curso da Escola de Arte de Representar. Quasi todos foram aprovados.

Marinha de guerra

Chegou hoje ao Tejo o cruzador "Carvalho Araujo", que segue amanhã para a costa, Madeira e Açores, em viagem de exame de guardas-marinhas.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 9,30—«Os Filhos» (Les Petits)
Gymnasio—A's 9,45—«As três meninas... nuas!
Variedades—A's 9 e 10 e 45—«O Pó d'Arroz».

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz—A's 9 e 15—Variedades.
Pavilhão Português—(Parque Mayer)—A's 9—Cinema e variedades.

TEATRO Parque Mayer

TELEF. N. 4167 **VARIEDADES**

A' entrada do PARQUE MAYER

Hoje—Duas sessões, ás 9 e 10 e 3/4

—Ó tu que fumas!...,

— dá um cigarro á Hortense Luz, para os velhinhos!

O CIGARRO DO ASILADO

por **Hortense Luz** caindo sobre o palco uma verdadeira chuva de tabaco

A incomparavel revista **O pó d'arroz** com outro numero tambem novo e de enorme exito

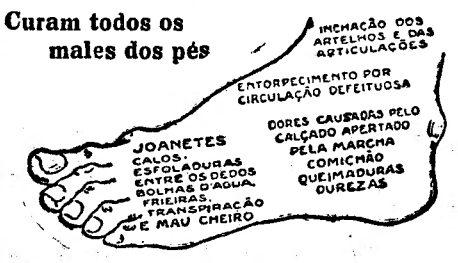
ADEUS, ANITA!

por **Anita Salambô**

Novas piadas pelo "compére„ **Augusto Costa** e coplas novas por **Vasco Sant'Ana**

Saes «DERMOXA»

Curam todos os males dos pés



O melhor contra a transpiração

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.
Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.
N. B.—Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo.
Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta - Paris.

Colecção da revista «A B C»

Vende-se desde o n.º 1 a 279. Tambem se vende uma colecção completa do "A B C a rir„. Manuel Alexandre dos Santos Junior, Olhão.

PEDRAS SALGADAS

EsaçTã oe1J termal d de unhoa 10 de Outubro—Altitude 600m acima do nivel do mar.—Distancia de Lisboa, 495 Km.; do Porto, 145 Km.—Serviço de combois rapidos desde 1 de Junho

CLIMA—De montanha, média altitude, excessivamente calmante.

HOTEIS

AVELAMES: Aberto de 15 de Junho a 30 de Setembro; diarias desde 35$00 a 70.—GRANDE HOTEL: Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro; diarias desde 30$00 a 60$00.—HOTEL DO NORTE: Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro; diarias desde 25$00 a 45$.—HOTEL PARQUE (antigo Club Hotel):—Aberto de um de Junho a 10 de Outubro; diarias de 25$00 a 40$00.
Em todos estes hoteis têm os Ex.mos aquistas um desconto de 20 0|0 nas suas diarias, durante o periodo que vae desde a abertura até 15 de Julho.
PARQUE: Jogos ao ar livre e outros atractivos.—CASINO: Salas de baile, de jogos, cinema, concertos, festas, etc.
Distancia de Vidago 12 Km. por estrada esplendida e caminho de ferro, carreiras de autobus e autumoveis de aluguer.

VIDAGO

Estação Termal de 1 de Junho a 10 de Outubro. — Distancia de Lisboa, 503 Km.; do Porto, 156 Km.—Serviço de combois rapidos desde 1 de Junho

CLIMA—Suave, sem bruscas mudanças de temperatura.

HOTEIS

PALACE-HOTEL: Diarias de 35$00 a 70$00. Aberto de 1 de Julho a 30 de Setembro.—GRAN-HOTEL:—Diarias de 25$00 a 45$00. Aberto desde 1 de Junho.
Em todos estes hoteis, têm os Ex.mos aquistas um desconto de 20 0|0 nrs suas diarias durante o periodo que vae desde a abertura até 15 de Julho

PARQUE—Com o seu esplendido lago, jogos ao ar livre e outras distracções

Distancia das Pedras Salgadas 12 Km., por estrada esplendida e caminho de ferro, carreiras de autobus e automoveis de aluguer

Importante—Acaba de se instalar uma ligação no Porto com o «Sud-Express» de maneira que os srs. passageiros que saem de Lisboa ás 13 horas têm transbordo em Campanhã para comboio, com wagon-restaurant, que chega a Pedras Salgadas ás 23 horas e 53 minutos.

PREVENÇÃO

AOS FUMADORES do papel "ZIG ZAG"

Devemos advertir os consumidores desta apreciada marca de que, devido á escassez que dela se tem feito sentir ultimamente, escassez motivada pelo aumento de consumo em todo o mundo, alguns negociantes menos escrupulosos tentam introduzir no mercado uma especie de papel perfeitamente similhante ao nosso double e simples, MAS SEM GOMA. Esta tentativa, que só visa a produzir o descredito das nossas marcas, deve ser repelida por todos os consumidores, pois SÒ É LEGITIMO ZIG-ZAG o que tiver no interior da capa

Em letras douradas no double
Em letras escuras no simples

a seguinte inscrição

Unicos importadores em Portugal

A CASA HAVANEZA

24, Largo do Chiado, 25--LISBOA

A'S 21 e 1/2 **TEATRO NACIONAL** TELEF. N. 3049

ILDA STICHINI—ALEXANDRE D'AZEVEDO

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

Os Filhos

Brevemente: SE EU QUIZESSE...

THEATRO DO GYMNASIO Tel. T. 914

A's 9 3|4 da noite

Ultimas representações da linda peça

Três meninas... nuas!

Enorme reducção de preços
Geral **2$50** e promenoir **1 escudo**

Em ensaios: **Uma farça graciosa**

AO PUBLICO

O facto da **Loja de Novidades** vender com o desconto de **30 0|0** dos preços das outras casas, deu origem **a que os inimigos do mesmo artigo não tenham cessado desde ha 28 anos de pedir aos fabricantes para não venderem ao Duarte, da Loja de Novidades, mas nunca coisa alguma conseguiram.**

Não confundir se não quereis ficar lesados!

Colossal sortimento de artigos de metal branco, e grande diversidade de objectos para brindes. TALHERES de todas as qualidades e todo o outro serviço. Vidros e cristais. Porcelanas. Cutelarias. Utensilios para barbeiro. Sortimento de oculos e lunetas. TALHERES KRUPP os melhores do mundo. Artigos de ménage, etc., etc.

A 170$00 a duzia de talheres de alpaca para mesa, 36 peças, e a 400$00 o serviço, 100 peças.

Laminas Gillete, cada pacote 8$00

LOJA DE NOVIDADES
61—RUA DA PALMA—63
DUARTE

ANTONIO

Sinto muito a falta das tuas noticias e como preciso falar-te com urgencia diz o dia e hora em que o posso fazer. Muitas saudades e imensos beijos.

O DIARIO DE LISBOA vende-se no Porto, na casa *A. Dias Pereira*, Praça da Liberdade.

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

Largo D. Estefania, 6, 1.º—Telefone N. 3435

Corpo clinico—Doutores

A. de Almeida Rocha — Clinica geral — ás 14 h.
Antonio de Carvalho — Sifilis — ás 11 h.
Berta de Morais — Doenças das senhoras — ás 14 1|2 h.
Carlos Guerra — Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — ás 18 h.
Domingos Dias — Doenças da boca e dentes — Protese — Doenças tropicais — ás 10 h.
Fernando Wadington — Raio X — Electricidade medica.
Heitor da Fonseca — Clinica medica — Doenças do estomago, intestinos e figado — ás 13 h.
J. Pais de Larangeira — Doença dos rins e vias urinarias — ás 11 h.
José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginastica e massagem medica — ás 13 h.
Lopes d'Andrade — Doenças dos olhos — ás 17 h.
Pedro Roberto Chaves — Analises clinicas.
Teodoromiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — ás 16 h.

Automoveis Barré

a marca francesa de reputação mundial

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS

DARTOUT & C.A L.TDA
23 -- Praça do Municipio -- 24
LISBOA

Em exposição para entrega imediata:
UM LINDO TORPEDO 16 HP — 7 LUGARES

TRESPASSE

DOS VASTOS E BEM SITUADOS ESTABELECIMENTOS DA RUA DA PALMA, 118 a 124, RUA 20 DE ABRIL, 68 e 70 E DE UM DEPOSITO OFICINA, NA RUA 20 DE ABRIL, 86 a 92

Aceitam-se propostas, sobre as três casas em conjunto ou separadas, na

RUA DA PALMA, 118 a 124 José Mateus J.or & C.a

MOBILIAS

Boa construção e esmerado acabamento

Antiga Marcenaria do Desterro

Grande baixa de preços

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Fabricante profissional

Oficinas e salão de vendas

17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

LEITE CONDENSADO e ASSUCARADO «MOÇA»
tem todas as vantagens do melhor leite fresco, sem ter os seus inconvenientes.

ESTRANGEIRO

CASA UNIVERSAL
O maior sortimento de artigos para viagem, estojos, carteiras, malinhas, cintos e confecções de peles.
Os mais vantajosos preços.
S. MADUREIRA—45, R. do Carmo, 47

DE ITALIA

A IDA de Mussolini a S. Marino

ROMA, 18

O presidente Mussolini, de regresso de Rissione, onde fôra em visita a sua familia, visitou a Republica de S. Marino.

Se bem que Mussolini viajasse incognito, o secretario da regencia de S. Marino foi-lhe apresentar as homenagens do seu governo.

A população, por seu lado, fez ao chefe do governo italiano uma grande manifestação de simpatia, tendo as casas embandeirado. — (H.)

Manifestação ao secretario geral do fascismo

NAPOLES, 18

O deputado Turatti, secretario geral do fascismo, vindo de Paolo, foi acolhido em Napoles, com grandes manifestações de entusiasmo, sendo recebido no Municipio, onde pronunciou um aplaudidissimo discurso, proclamando que o Fascismo meridional é digno de admiração e confirmando as directivas fascistas em materia de responsabilidade e intransigencia politica e economica. — (H.)

ROMA 18

A *Gazeta Oficial* publicou um decreto concedendo um aumento de pensão aos invalidos da marinha mercante. — (H.)

De inglaterra

O cadaver de lord Kitchener

LONDRES, 18

O jornalista Power, que pretendia haver trazido da Noruega os despojos funebres de Lord Kitchener, perante o resultado negativo da abertura do caixão, pôz-se em fuga, sendo procurado pela policia de segurança geral. — (H.)

O conflito mineiro

A Associação nacional dos delegados mineiros, por 428.000 votos contra 360.000, deu ao seu *comité* executivo plenos poderes para reatar as negociações com os proprietarios das minas e com o governo. — (H.)

POLICLINICA DO CONDE BARÃO
Largo do Conde Barão, 12, 2.º
Telef. Central 1902
Doenças dos olhos—A's 5 horas—Dr. Medeiros de Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias—A's 11,5 horas—Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta—A's 2 horas—Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral—Operações—A's 2 1|2 horas—Dr. Santos Paiva.
Clinica geral—A's 3 horas—Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras—A's 6 horas—Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas—Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças da pele, venereas e sifiliticas—A's 4 horas—Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes—A's 3 horas—Brum da Silveira.
Clinica medica—Doenças do coração e pulmões—Doenças nervosas, electroterapia e orthopedia—A's 4 horas—Dr. Luiz Pacheco.
Doenças das creanças—A' 1 hora—Dr. Antonio de Menezes.
Doenças do estomago e intestinos—A's 2 horas—Dr. Cascão de Anciães
Raios X e Raios Ultravioletas.

O DIARIO DE LISBOA vende-se no Porto, na casa *A. Dias Pereira*, Praça da Liberdade.

CARTA DE PARIS

A CARTA de Clemenceau E A ATITUDE do presidente Coolidge

PARIS, agosto.—A carta de Clemenceau, dirigida ao Presidente Coolidge. fez vibrar a alma francesa. Ela levantou em França um grande movimento de entusiasmo.

Como sempre, os detractores tambem apareceram a acusar o antigo presidente do ministerio de não ter procedido como um bom cidadão. Afirmações houve de que a sua inimizade contra Poincaré o levara a tomar essa iniciativa, sómente para que a este governo não coubesse a gloria de assinar os acórdos de Washington!

Na semana passada, o ministerio preparava-se para pedir ao Parlamento a imediata rectificação das dividas de guerra. Perante as resistencias parlamentares e a ameaça de demissão do ministro Louis Marin, o sr. Poincaré limitou-se a pedir ás comissões algumas decisões provisorias para poder tranquilisar a opinião americana. Foi justamente neste momento, antes do governo ter tomado qualquer compromisso, que apareceu a carta de Clemenceau. Fortificada a opinião contra a assinatura dos acôrdos, uma unica solução era possivel: adiar a discussão para depois das ferias.

Não foi este certamente o unico fim de Clemenceau. O Tigre saiu do silencio nobre e digno em que se mantinha ha já alguns anos para, como simples cidadão, tentar comover a alma americana.

Que importa os ataques dos seus inimigos? O que podia recear o gigante Adamastor, no meio da tormenta, se se visse assaltado por pigmeus?

Que ele errou, deixando-se seduzir por um tratado de paz que não dava á França nenhuma segurança do lado do Rheno... que ele contribuiu para que a "Entente„ se separasse sem ter assegurado a paz territorial, politica e economica do mundo...

Ha muita verdade nestes ataques. Mas quem poderia suspeitar que a America, tão amiga da França, voltaria as suas simpatias para a Alemanha? Quem acreditaria que os Estados Unidos recusariam a sua assinatura ao tratado de garantia, assinatura solenemente prometido pelo presidente Wilson?

Talvez para resgatar as suas culpas, Clemenceau quiz um dia ser presidente da Republica. Não o animava a vaidade. A sua figura entrará na eternidade da historia.

Ele quiz ser elevado á primeira magistratura do seu pais, a fim de pôr ao serviço da França a popularidade imensa de que gosa na America. Presidente, ele teria percorrido todo o continente norte americano para defender a sorte do "poilu„ e chegar á anulação das dividas de guerra.

O franco não teria sofrido o assalto do "Wall Street„ e o "Cartel„ não teria atirado o Pais para a situação angustiosa em que se encontra.

Mas eu creio que nenhum esforço é inutil. Quando os antigos combatentes anunciaram querer levar o seu protesto junto da estatua de Washington, o ministro do Interior pretendeu impedir a manifestação. Ele não podia compreender o gesto expontaneo desses homens que viram a morte de perto e que souberam guardar o amôr pela verdade.

A manifestação fez-se. O desfile foi comovente e cheio de dignidade.

O apêlo chegou até á America, acordando a recordação das horas tragicas da guerra.

A carta de Clemenceau deve ter a mesma repercusão, apesar de alguns telegramas anunciarem o contrario. O Presidente Coolidge não respondeu. Limitou-se a declarar que as negociações tinham terminado.

Ha aqui uma questão de politica interior. Os inimigos da França são o rendeiro do Far-West que não conhece a Europa e o alemão americanisado. E são eles, infelizmente, os arbitros da eleição presidencial.

A atitude de Coolidge mostra, mais uma vez, esta especie de desprezo da America pela Europa, convencida de que esta não poderá endireitar as suas finanças sem o auxilio americano. Quanto á França, apesar da sua situação melindrosa, a America deve enganar-se. Os acordos ainda não estão rectificados pelo Congresso da Republica. E, assim como o Senado americano faltou ao compromisso tomado pelo Presidente Wilson, assim as Camaras francesas podem faltar á promessa do sr. Berenger. A França, quando se vê atacada no seu prestigio, ou na sua independencia—e é o caso actual—encontra forças sobreumanas para a luta e para o triunfo.

Mas isso não será preciso. A crueldade daquele a quem chamam o moderno Schyloch, e que se encarna na pessoa do senador Borah—o proprio tipo do mercador de Veneza—não representa a opinião americana. São em grande numero aqueles que coram de vergonha, quando se lhes fala em dividas de guerra da França, esta mesma França que tanto contribuiu para a independencia dos Estados-Unidos e que serviu de campo á batalha comum.

E' curioso e significativo o movimento que se está desenhando nos meios intelectuaes. O advogado Peabody iniciou uma campanha para conseguir a anulação das dividas de guerra. Ele espera ter organisado no fim deste mês, um comité dum milhão de membros que terá sub-coantes em todos os Estados da União e em quasi todas as cidades.

Esperemos tenhamos fé.

Com o seu vigor habitual, o sr. Clemenceau marcou claramente o ponto sobre o qual o paiz não transigirá nunca: Ele não consentirá hipotecas sobre os seus bens para garantir as dividas.

Esta afirmação era necessaria. Certos orgãos da imprensa dos Estados Unidos teem-se referido ultimamente ás colonias francesas da America.

A'queles que falavam em dinheiro, Clemenceau respondeu com esta palavra—consciencia.

Esta atitude é bem digna do respeitavel velho de 84 anos que só escreveu a vida de Demosthenes para lembrar como o grande ateniense sôube amar a sua Patria e servi-la.

Irene de Vasconcelos

Au Renard Argenté
Presentemente liquidação do nosso stock de peles de abafo por preços muito reduzidos.
Rua de S. Nicolau, 13, 3.º

DE PARIS

O QUE tem havido por França

PARIS, 18

O CONSELHO DE GABINETE REUNIU ESTA MANHÃ, SOB A PRESIDENCIA DO SR. POINCARÉ, A FIM DE ESTUDAR AS MEDIDAS A POR EM PRATICA PARA FAZER FACE A' CARESTIA DA VIDA.

O CONSELHO DE MINISTROS REUNIRA' PROVAVELMENTE NA SEXTA-FEIRA, SOB A PRESIDENCIA DO SR. DOUMERGUE. — (H.)

Herriot explicou perante a Federação Radical do Rhone socialista a razão da sua atitude perante o governo, que foi aprovada. — (H.)

Poincaré, ministro das Finanças e presidente do conselho, regressou a Paris, depois de alguns dias de férias na Meuse. — (H.)

Os jornais anunciam o adiamento para Setembro da discussão definitiva para a constituição dum «trust» siderurgico franco-belga-alemão. — (H.)

Segundo o *Matin*, Poincaré prepara a fusão administrativa da contribuição de registo e da contribuição directa.—(H.)

CHERBURGO, 18

Afundou-se ao largo de Carteret um barco de vela desconhecido. — (H.)

PARIS, 18

O Bey de Tunis partiu para Luchon.

LEILÃO DE UTILIDADES
54---Rua Barros Queiroz---56
(ANTIGA T. DE S. DOMINGOS)
Amanhã, 5.ª feira, ás 14 e ás 21 horas e dias seguintes
Por motivo de mudança de artigo e para completa liquidação dos grandes saldos existentes, far-se-há leilão de grande quantidade de brinquedos muito variados, bonecos em "biscuit" e em porcelana, figuras e bolas de borracha, "passe-partout" e molduras, espelhos diversos, paliteiros em "biscuit" e outros, guarda-joias, caixas para pó de arroz, correntes e argolas para chaves, estojos de barba, de escrita e de viagem, garrafas térmicas, jarras, artigos de celuloide, UMA BOA CAIXA REGISTADORA, etc., etc.
Recomenda-se este leilão especialmente aos srs. armazenistas, vendedores a retalho e ambulantes, feirantes, etc.
Os agentes — COLARINHA L.DA
T. de S. Domingos, 31, 1.º
TELEFONE N. 3349

Aguas de S. Marçal
a mais leve de todas
as aguas
A melhor agua
para refrigerantes
Pedidos para o Deposito — Rua
do Sacramento á Lapa, 82
Telefone T. 570

ULTIMAS NOTICIAS

Pina, Barbosa & Sestello Limit.
ARMAZEM DE FERRO
Sortido completo
R. 24 de Julho, 68 (a Santos)
Telefone C. 147

UMA FIGURA

O FUNERAL do conde Fontalva

realizou-se esta manhã

não havendo discursos

Foi hoje a enterrar o Conde de Fontalva. O seu funeral constituiu uma manifestação de pesar muito mais sincera do que imponente.

Bem mereceu todas as homenagens que hoje lhe foram prestadas áquele que em vida soube ser fidalgo na mais digna, na mais alevantada e na mais util acepção deste termo.

O Conde de Fontalva. que foi, em todas as circunstancias, amigo disvelado do seu amigo, teve a acompanha-lo os amigos que eram muitos e disvelados tambem.

A's 9,30 horas, procedeu-se á soldagem do caixão de chumbo.

A's 11 horas, saiu o funeral com numeroso acompanhamento. Uma verdadeira manifestação de sentimento.

A urna, contendo os restos mortais do finado, foi transportada do palacio da residencia para o cemiterio dos Prazeres, numa berlinda puxada a duas parelhas, seguindo-se uma sege com os sacerdotes.

Da porta do cemiterio até á porta do jazigo foram organisados os seguintes turnos: Primeiro srs. Guilherme de Almeida, Visconde do Tojal, D. Alexandre de Mascarenhas, Carlos Ribeiro Ferreira, D. Carlos de Mascarenhas e Conde da Torre. Segundo: Conde de Tomar (Antonio), Alvaro Ferreira, José Amado, Antonio Martins, Pedro Maia, João Reboredo e O'Conner Martins. Terceiro: Artur Guimarães, Ribeiro Lopes, Emilio Aguiar, Francisco Reboredo (Tojal), Joaquim Aguiar, Francisco Augusto, Joaquim Junior, Antonio Matos Costa e Ernesto Camacho. Quarto: Paulo Infante Melo, Fernando Santos, Afonso Neves, Roberto Vasconcelos, Adolfo Machado e Antonio Garcia. Quinto: Antonio Centeno, coronel Marques Leitão, Munhoz Crespo, Julio Leitão, Alvaro Francisco Barbosa, Afonso Rebelo e João Dias Pombo. Sexto: Joaquim Pedro dos Santos, Antonio Santos, Garcia Leão, Francisco Silva, Eduardo Silva Rego, José Marques, Nicolau Valença, Manuel Hintze Ribeiro, Antonio Hintze Ribeiro, capitão Francisco Castro, Joaquim José Barros e Nicolau Gomes da Cunha. Setimo: José Fernandes Carvalho e criados da casa. Oitavo: D. Judite Jardim Valença, Alfredo Anjos e Vasco Anjos Jardim.

Dirigiu o funeral o comandante sr. Joaquim José de Barros, tendo-se encorporado no prestito delegações do Asilo de Santa Catarina, Cantinas Escolares de S. Mamede e Associação de Ensino Liberal.

Não houve discursos.

* * *

Na noticia que ontem fizemos sobre a morte do sr. Conde de Fontalva houve um pequeno lapso. Referimo-nos ao distinto critico de arte sr. José de Figueiredo, quando queriamos aludir ao ilustre ceramista José Queiroz, já falecido, que privou muito com o Conde de Fontalva.

* * *

O testamento do sr. conde de Fontalva, foi hoje mesmo aberto. Nesse documento, são reconhecidos como filhos legitimos a sr.ª D. Guilhermina Anjos e os srs. Alfredo e Vasco Anjos.

O extinto lega ao administrador da sua casa sr. Joaquim José de Barros, a quantia de 12:000 escudos.

POLITICA COLONIAL

O Banco de Angola

NÃO FARÁ NEGOCIOS

e terá poucos administradores

Tornam-se hoje conhecidas, na sua pormenorisação, as condições de vida e os objectivos do novo Banco de Angola, que vai substituir o Banco Ultramarino, ou—melhor—o Banco onde este ultimo se integra, com previlegios e obrigações.

O relatorio que precede o decreto da creação do novo Banco é, talvez, interessante.

Abaixo damos alguns excerptos:

Um Banco nas Colonias não chega

"Quando em 1864 se creou o Banco Nacional Ultramarino, a actividade economica das Colonias portuguesas era de tal maneira reduzida e as suas necessidades monetarias e de credito eram por tal fórma minguadas, que se julgou satisfaze-las creando um Banco emissor unico para todas.

Só aquele atraso, a restrita e precaria ocupação dos territorios e as mal definidas ideias da epoca sobre colonisação podem explicar a anomalia portuguesa de possuirmos um só Banco emissor para tão diferentes, extensos e espalhados territorios coloniais.

Necessidade de substituir o Ultramarino

E, todavia, o Banco emissor prosperou, desempenhando simultaneamente uma função utilissima no desenvolvimento economico das nossas colonias, onde foi e é, uma grande e apreciada instituição de credito, e em relação ás quais tem de exercer, e continuará exercendo, uma acção economica de alto valor.

Mas as circunstancias politicas e economicas mudaram, e a mudança patenteou de uma maneira irrefragavel os inconvenientes do Banco emissor unico.

(Noutro sitio diz):

No caso particular da provincia de Angola, o problema do Banco emissor toma uma feição que mais aviva a necessidade de dotar essa colonia com um Banco privativo.

Nada de capitais estrangeiros

Reconheceu o governo que, nas circunstancias actuais, e dado o objectivo do novo Banco, não convinha deixar á simples iniciativa e ao interesse dos particulares o cuidado de fornecerem capitais ao novo estabelecimento de credito e de orientarem a sua administração. Talvez que a propria crise economica, que atinge tanto a metropole como as colonias, tambem não permitisse encontrar disponibilidades suficientes de capitais portugueses para o novo Banco, por mais prometedora de lucros que a empresa se afigure, como de facto se afigura.

O recurso aos capitais estrangeiros, sendo de exito duvidoso, era com certeza pouco recomendavel nesta emergencia.

Nada de "régie„

A participação do Estado na constituição do capital do novo Banco foi, portanto, considerada como indispensavel. O Estado deve intervir largamente na sua administração e compartilhar os seus lucros.

Mas conviria organizar um Banco do Estado?

As experiencias de "régies„ têm sido tão desastrosas em Portugal e fóra dele que tal hipotese foi logo apressadamente arredada.

O Banco de Angola terá a sua séde em Lisboa, para que a sua administração mais facilmente se esquive ás influencias locaes e tambem para que nela mais directamente se exerça a acção fiscalisadora do minstro das Colonias.

Compõe-se a administração de poucos membros: um governador nomeado pelo Governo e dois vice-governadores eleitos pela assembleia geral e confirmados pelo ministro das Colonias.

Ao governador incumbem largos poderes e o direito de *veto*, em determinadas circunstancias.

(Em Africa os negocios são dirigidos por um Director Geral, segundo instruções da gerencia. E' uma inovação. Não haverá Comissario do Governo junto do Banco, porque o Governador tem largos poderes e—diz o relatorio—"é pessoa da maior confiança do proprio Estado„).

O capital será de 50 mil contos mas chegará a 100 mil

O capital do Banco será inicialmente de 50.000 contos (moeda metropolitana), mas poderá elevar-se, por simples deliberação dos corpos gerentes, a 60.000. Os 10.000 contos de excesso representam a parte reservada á subscrição publica na metropole e na colonia.

Deve prever-se, porém, a elevação do capital a 100.000 contos, em poucos anos, porque este é o minimo que o desenvolvimento crescente de Angola exige.

O Banco de Angola não fará negocios

Aconselhado pela experiencia propria e alheia, o governo restringiu as operações permitidas ao Banco de Angola ás que um Banco emissor pode praticar sem comprometer a sua solvabilidade. E' uma garantia para o Estado, para o Banco, para os proprios clientes e para o publico em geral.

São proibidas aquelas operações que implicam alongadas imobilizações de fundos, e nestes termos não lhe é permitido participar na constituição de empresas comerciais, industriais e financeiras. Isto significa que o Banco emissor deixa de ser simultaneamente um Banco de negocios e um Banco de fomento.

"O sacrificio é grande„

E' grande o novo sacrificio que a metropole vai fazer—diz o governo—em beneficio da sua mais valiosa colonia da Africa Ocidental; mas Portugal tem orgulho em afirmar e provar com factos indiscutiveis que, nem a pequenez do seu territorio, nem a modestia da sua riqueza jámais o impediram de prestar o seu concurso á obra civilisadora por ele ha tantos seculos iniciada e continuada com infatigavel perseverança.

AGUA DE CASTELO DE VIDE
a melhor agua medicinal de meza
em garrafões de 5 litros
á venda em toda a parte

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
R. DOS FANQUEIROS, 114

AMOR FUNESTO

O OFICIAL que foi agredido

na rua dos Mastros

faleceu esta tarde

(Continuação da 5.ª pagina)

tros, numa roda de coscovilhice em que o caso se debatia.

E fôram outras sentenciando:

—Ali ha gato, ha; mas é gato de dois pés.

—A's vezes... podia ser...

—Deixe-se disso, mulher de Deus! Eu cá não sou de intrigas, nem tenho feitio para me meter na vida de ninguem, mas sempre lhe digo que o gato em mim não pega. Aquilo é como dois e dois serem quatro.

—Ciumes...?

—Ora... A gente bem sabe o que essas coisas valem. Eu já uma vez estive vai que não vai para perder tambem a cabeça por causa duma figurona que andava a meter-se co'meu homem lá na praça da Ribeira...

* * *

O *reporter* quiz avistar-se com alguma das pessoas visadas no soalheiro, mas logo uma velha o dissuadiu do intento com este informe de deferencia:

—Não caia nessa! Olhe que vai preso! A policia proíbiu as senhoras de falar do caso aos jornalistas e até lhes deu ordem para prender os que lá fôrem a inculcas.

—Porquê?

—Sei lá... Se calhar é para não espantar o gato...

—O tal que andava a fazer diabruras no telhado...?

—Pois. E' o mesmo que derrubou o vaso, que despediu o caco, que caíu á rua, que matou o Dionizio.

* * *

—De maneira que... o que está averiguado...

—E' que o rapaz morreu, e se desmanchou o casamento.

EM SANTANDER

A "équipe" portuguesa

foi carinhosamente recebida

A fim de representar o nosso exercito no Concurso de Tiro de Santander, partiu no domingo para aquela cidade uma "équipe„ portuguesa comandada pelo sr. major Pereira Coelho, director da Carreira de Pedrouços.

A recepção feita á nossa "équipe„ militar em Espanha foi o mais carinhosa possivel, como se depreende do seguinte telegrama:

SANTANDER, 18.—A "équipe„ portuguesa, que vem tomar parte no Concurso de Tiro, foi carinhosamente recebida.

Duas estações antes do "terminus„ da viagem, oficiais espanhois aguardavam os seus camaradas portugueses, tendo-se trocado cumprimentos afectuosos.

Na estação de Santander, a "équipe„ era esperada pelo adido militar português, tenente-coronel Lourenço, pela direcção do Tiro Nacional, consul de Portugal, delegados do governo e da guarnição militar, muitos oficiais, sargentos e atiradores civis.

A' noite, a "équipe„ portuguesa, acompanhada pelo nosso adido militar, assistiu a um baile que se realisou, sob a presidencia de Suas Magestades.—*(Especial)*.